



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

O JORNALISMO LITERÁRIO COMO PRÁTICA ÉTICA: HOLOCAUSTO BRASILEIRO

Felipe Bezerra da Silva¹; felipebezerra494@gmail.com

RESUMO

O artigo analisa o jornalismo literário como prática ética, tendo como estudo de caso a obra *Holocausto Brasileiro* (ARBEX, 2013). A partir da crise de credibilidade do jornalismo contemporâneo, marcada por precarização das redações, polarização ideológica e disseminação de informações não verificadas, o trabalho evidencia como a ética e a deontologia orientam decisões conscientes sobre produção e difusão de notícias. A obra de Daniela Arbex demonstra como o jornalismo literário alia rigor investigativo, imersão, escuta ativa e detalhamento minucioso à sensibilidade narrativa, transformando testemunhos e documentos em denúncia social, resgatando a memória das vítimas e promovendo responsabilidade profissional. O estudo conclui que o jornalismo literário atua como estratégia ética e reflexiva, capaz de humanizar histórias, reconstruir a confiança pública e fortalecer a prática jornalística socialmente relevante.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo literário. Ética. Holocausto Brasileiro. Daniela Arbex.

1. INTRODUÇÃO

Não é de agora que jornalistas, pesquisadores e estudantes de jornalismo escutam ou estudam sobre como a credibilidade no jornalismo vem diminuindo ao longo dos anos. Isso acontece por diversos fatores. Apenas como exemplos podemos citar ataques à imprensa e a velocidade de apuração e veiculação da notícia imposta pelas redes sociais. As transformações nos valores e nas regras deontológicas da

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ-UFPB).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



profissão têm sido impactadas por um contexto de crise política, de governança, de gestão e, além do mais, de ética e credibilidade (Christofoletti, 2019).

Aqui, faz-se necessário compreender que a credibilidade, considerada o fator mais importante da atividade jornalística (Berger, 1996), não é um atributo fixo ou automático, mas um julgamento construído a partir de valores sociais e contextuais. Como explicam Lisboa e Benetti:

A credibilidade serviria como uma espécie de fiança para justificar uma crença, que pode ser perdida se ela se provar falsa. Esse aspecto revela o caráter do conceito de credibilidade. A credibilidade é um predicado que está amparado em valores éticos e morais. Isso porque a avaliação sobre a fonte de informação dirá se ela é um bom ou um mau informante de acordo com o que se esperava dela e de acordo com o contexto da comunicação, que tornou possível essa percepção. (LISBOA; BENETTI, 2015, p. 53)

Dessa forma, os autores destacam que a credibilidade não se resume apenas à veracidade factual, mas está diretamente ligada à percepção de integridade e responsabilidade do informante, considerando o contexto em que a mensagem é transmitida e as expectativas do público sobre a fonte.

Em um cenário de perda de confiança e mudança de hábitos de consumo, o relatório *Digital News Report, do Reuters Institute*², edição de 2025, aponta que o nível de confiança dos brasileiros no jornalismo está no menor patamar desde 2015. De acordo com o estudo, somente 42% das pessoas conectadas à internet no Brasil afirmam ter algum nível de confiança no noticiário, um índice que não alcança sequer a metade do público pesquisado.

O estudo evidencia que as plataformas digitais mais utilizadas para o consumo de informações são o YouTube (37%), o Instagram (37%) e o WhatsApp (36%),

² O Digital News Report é um relatório anual produzido pelo Reuters Institute for the Study of Journalism, que analisa o consumo de notícias online em diversos países. Ele investiga as mudanças nos hábitos de consumo de notícias, incluindo a confiança na mídia, o uso de diferentes plataformas e dispositivos, e o impacto de notícias falsas e desinformação. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2025/brazil?ref=nucleo.jor.br>>. Acesso em: 23 jan. 2026.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



2. O LIVRO-REPORTAGEM HOLOCAUSTO BRASILEIRO

Publicado pela editora Geração em 2013, o livro-reportagem “Holocausto Brasileiro” (2013), da jornalista Daniela Arbex³, investiga os abusos cometidos no Hospital Colônia de Barbacena, onde cerca de 60 mil pessoas morreram em condições desumanas ao longo do século XX. A narrativa denuncia violações sistemáticas de direitos humanos, promovidas por um sistema manicomial excludente e violento.

Resultado de uma apuração extensa, a investigação de Arbex baseia-se em entrevistas com sobreviventes, documentos históricos, prontuários médicos e registros fotográficos. A autora estabelece conexões entre a experiência brasileira e outras tragédias históricas, como o Holocausto judeu, explicitando paralelos entre os métodos de extermínio. Nesse sentido, ao descrever as condições de transporte dos pacientes, Arbex afirma: “abarrotavam os vagões de carga de maneira idêntica aos judeus levados, durante a Segunda Guerra Mundial, para os campos de concentração nazistas de Auschwitz” (Arbex, 2013, p. 27).

Dos pacientes internados, aproximadamente 70% não possuíam diagnóstico de doença mental, e ao menos 33 eram jovens e adolescentes (Arbex, 2013).

Na obra, a autora evidencia um posicionamento ético em relação às vítimas, ao evitar o sensacionalismo e adotar uma abordagem marcada pela sensibilidade e pela responsabilidade. A narrativa, ao mesmo tempo emocional e comprometida com princípios éticos, contribui para o resgate da memória social e fomenta o debate em torno das políticas públicas de saúde mental.

Esse compromisso pode ser observado, por exemplo, na história de Antonio Gomes da Silva, cuja internação foi motivada pelo “desemprego” que, ao se somar à

³ Daniela Arbex, jornalista, escritora e documentarista, é natural de Juiz de Fora, Minas Gerais. É autora das obras *Holocausto Brasileiro* (2013), *Cova 312* (2015), *Todo dia a mesma noite* (2018), *Os dois mundos de Isabel* (2020), *Arrastados* (2022) e *Longe do ninho* (2024).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÔNEMENTO

APOIO



“bebedeira” e ao “descontrole dos negócios”, culminou em “sua prisão” (Arbex, 2013, p. 31). Arbex o descreve como alguém retraído, que fala baixo, quase evitando recordar o passado, com o rosto apoiado nas mãos, em uma postura que sugere tentativa de ocultar-se de si mesmo. O silêncio, mantido durante vinte e um dos trinta e quatro anos em que permaneceu internado, é narrado como elemento central de sua trajetória, até ser inesperadamente rompido pela música da banda do 9º Batalhão da Polícia Militar. É nesse contexto que a autora insere um diálogo revelador, dando voz ao personagem e expondo, de forma sensível, a invisibilidade social a que ele e tantos outros foram submetidos.

Antonio fala baixo, quase como se não quisesse lembrar. Tem o rosto apoiado nas mãos, e, apesar da estatura alta, parece querer esconder-se de si mesmo. Dentro da unidade, manteve-se calado durante vinte e um dos trinta e quatro anos em que ficou internado. Considerado mudo, soltou a voz, um dia, ao ouvir a banda de música do 9º Batalhão da Polícia Militar. - Por que você não disse que falava? – perguntou um funcionário da unidade, surpreso com a novidade. - Uai, nunca ninguém perguntou. (ARBEX, 2013, p. 32-33)

Na continuidade da obra, Daniela Arbex também explora, com igual sensibilidade, o relato dos primeiros dias de trabalho de Francisca Moreira dos Reis, conhecida como Chiquinha, no Hospital Colônia. O diálogo registrado entre Chiquinha e uma funcionária mais experiente revela, de forma contundente, a desigualdade no tratamento dado aos internos. Esse exemplo evidencia como a autora utiliza a oralidade para expor práticas cotidianas de exclusão e hierarquização no interior da instituição, transformando relatos individuais em denúncia social e memória coletiva.

Com então vinte e dois anos, Chiquinha seguiu o conselho da mãe, sendo contratada no Colônia, em 1977, como auxiliar de serviços gerais. Optou pela cozinha, pois preferia enfrentar as caldeiras ao cheiro dos pavilhões.

- Qual é o cardápio? – perguntou Chiquinha em seu primeiro dia como funcionária

- Simples – ouviu da veterana. – Segunda, quarta e sexta, arroz, feijão, ovo cozido e macarrão branco. Terça, quinta, sábado e domingo a variação é feita com a carne moída.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



- E para as pensionistas, a mesma coisa?
- Claro que não. Quem pode pagar come melhor. Em vez de ovo, omelete. A gente também incrementa a carne moída e faz uns bolinhos ou hambúrguer. O macarrão vai com molho.
- E o jantar?
- Para as indigentes, sopa de macarrão branco. Entendeu? (ARBEX, 2013, p. 42).

Outro aspecto explorado por Arbex diz respeito ao uso de detalhes simbólicos, fundamentais para a construção do universo narrativo. Um exemplo disso aparece no relato sobre Sonia e Terezinha, ex-internas do Hospital Colônia, cuja vida após a saída da instituição é marcada pela inserção em residências terapêuticas e pela experiência inédita de autonomia financeira.

Empoderadas financeiramente, Sonia e Terezinha passaram a consumir. O mesmo aconteceu com os outros 160 pacientes que ocupam as vinte e oito residências terapêuticas existentes em Barbacena. A injeção de recurso na economia seduziu o comércio local. De lá pra cá, os loucos que tanto envergonharam a cidade passaram a ser disputados por vendedores e lojistas. Sonia adquiriu o hábito de comprar sapatos, um luxo para quem passou a vida inteira com os pés no chão. Os cabelos brancos ficaram negros de novo com as tinturas vendidas no mercado de beleza. Comprou vestidos – às vezes, usa mais de um ao mesmo tempo –, ganhou identidade. Também desenvolveu diabetes, resultado não só dos anos de iniquidade, mas também da descoberta do refrigerante já com meio século de vida, uma delícia da qual ela nunca mais quis abrir mão. Os prediletos são os de uva e guaraná, mas, desde que não falte, ela toma qualquer um. Os doces entraram no cardápio. A glicose da ex-paciente do Colônia disparou. Para ela, comer ganhou novo sentido. Sônia não sabia que o almoço e o jantar poderiam ter sabor a ponto de despertar o paladar. A “tal” comida boa virou fixação. Apesar do analfabetismo, ela criou um método próprio para lidar com o dinheiro. Aprendeu que a nota da onça-pintada, R\$ 50, era a que mais valia. A do mico-leão-dourado, R\$ 20, dava pra comprar brincos, batom, esmalte e ainda sobrava troco. Com R\$ 10, a nota da arara, ela conseguia trazer para casa dois litros de refrigerante, biscoitos e pão. Com a da tartaruga marinha não fazia quase nada, afinal são poucas as coisas que se pode comprar com R\$ 2. Assim, com a ajuda dos bichos da fauna brasileira impressos na moeda nacional, ela tem conseguido se virar e fazer as próprias contas. (ARBEX, 2013, p. 54-55).

Outro episódio marcante é narrado a partir do testemunho do professor universitário Ivanzir Vieira, que presenciou a chegada de cadáveres oriundos do



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

APOIO



À luz dessa perspectiva, observa-se que *Holocausto Brasileiro* materializa, na prática, os princípios apontados por Fortes (2005). A investigação conduzida por Daniela Arbex resulta de um processo longo e rigoroso de apuração, sustentado pelo cruzamento de fontes documentais, testemunhais e históricas, que permitem reconstruir, com profundidade, a realidade do Hospital Colônia.

3. A ÉTICA NO JORNALISMO LITERÁRIO

A ética é compreendida como uma reflexão que orienta a ação humana. Christofolletti (2008, p. 18) define-a como “um conjunto de processos mentais e reflexivos que derivam em práticas concretas na vida”, enquanto Martino (2010, p. 32) a entende como “uma teoria da prática, criada a partir da reflexão e da pesquisa vinculada à vida diária”. Nesse mesmo sentido, Chauí (2000) apresenta a ética como a filosofia da moral, ou seja, a investigação crítica dos fundamentos, princípios e finalidades das normas e valores que regulam a convivência social. Em vez de simplesmente reproduzir regras, a ética busca compreender por que agimos de determinada maneira, o que torna uma ação justa ou injusta e quais são os princípios que podem orientar racionalmente a vida coletiva.

Importante diferenciar dois conceitos que completam-se mas que diferem: Ética e Deontologia. Como percebemos acima, a ética é o estudo filosófico do que é certo e errado, do que é justo e injusto, ou seja, uma reflexão sobre os valores e princípios que orientam o comportamento humano. Ela é geral e abstrata, preocupando-se com os fundamentos do comportamento moral. Por exemplo, um jornalista pode refletir eticamente sobre o impacto de publicar uma notícia sensível, ponderando os valores de verdade, interesse público e privacidade. Já a deontologia é o conjunto de normas, regras e deveres específicos de uma profissão ou atividade,



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



derivadas de princípios éticos. Ela é prática e aplicada, funcionando como um código de conduta que orienta profissionais em sua atuação. No jornalismo, por exemplo, o Código de Ética dos Jornalistas determina que o profissional deve checar suas fontes antes de publicar e respeitar a privacidade das pessoas. Em síntese, a ética fornece a base filosófica do que é certo ou errado, enquanto a deontologia traduz essa base em regras concretas para o exercício profissional.

Ao refletir sobre a ética no jornalismo, é necessário compreender também o papel dos meios de comunicação como mediadores sociais. Eles não apenas transmitem informações, mas exercem influência direta na construção de sentidos e valores coletivos.

Intermediadoras entre a experiência coletiva e a individual, oferecendo interpretações típicas para problemas definidos como típicos. Tudo o que outras instituições produzem em matéria de interpretações da realidade e de valores, os meios de comunicação selecionam, organizam (empacotam), transformam, na maioria das vezes no curso desse processo, e decidem sobre a forma de sua difusão (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 68).

Assim, a prática jornalística, além de seguir princípios éticos e deontológicos, deve considerar sua responsabilidade na produção e difusão de significados que impactam diretamente a vida social, reforçando a centralidade da ética como reflexão crítica sobre o fazer comunicacional.

Em outro sentido, Costa (2009) apresenta o conceito de "moral provisória", ou seja, a prática de adotar princípios éticos flexíveis conforme as circunstâncias. Costa observa que, na busca por informações relevantes, jornalistas podem recorrer a métodos questionáveis, como o uso de fontes anônimas ou gravações secretas, justificando-os como necessários para o bem maior da sociedade. Essa postura reflete uma ética utilitarista, em que os fins justificam os meios, mas que, segundo o autor, é imposta pela própria indústria jornalística e nem sempre reconhecida formalmente nos manuais de conduta. Com o advento da nova mídia, caracterizada pela



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



comunicação digital e pela participação ativa do público, o jornalismo enfrenta novos dilemas éticos, já que a multiplicação de fontes e a velocidade de disseminação de conteúdos exigem constante reavaliação dos princípios éticos, adaptando-os às novas realidades tecnológicas e sociais. Assim, Costa propõe que a ética no jornalismo não seja vista como um conjunto rígido de normas, mas como uma prática reflexiva e adaptativa, na qual os jornalistas devem estar conscientes das implicações de suas escolhas e agir de maneira responsável.

Para Costa (2009), a objetividade jornalística absoluta não existe, uma vez que o jornalismo não reproduz a realidade de forma fiel, mas a representa, sendo inevitavelmente influenciado por escolhas editoriais e limitações práticas. Isso exige que os jornalistas assumam suas decisões éticas de maneira consciente, em vez de se esconderem atrás de uma pretensa imparcialidade. Nesse sentido, o jornalismo literário surge como uma alternativa que reconhece essa limitação da objetividade, ao combinar rigor investigativo, narrativa aprofundada e sensibilidade ética. A obra *Holocausto Brasileiro* (Arbex, 2013) exemplifica essa prática, ao transformar testemunhos e fatos documentados em denúncia social, mantendo estratégias de apuração e respeito aos princípios éticos da profissão. Assim, ao assumir a representação da realidade de forma consciente e ética, o jornalismo literário reafirma seu papel social, articulando memória, verdade factual e responsabilidade profissional.

Em meio à crise de confiança evidenciada, por exemplo, no *Digital News Report* (Reuters Institute, 2025), a ética surge como ferramenta essencial para reaproximar o jornalismo da sociedade. O compromisso com apuração rigorosa, diversidade de fontes, transparência e respeito ao outro são pilares fundamentais para a reconstrução da credibilidade, embora desafios como precarização das redações, interesses comerciais e polarização ideológica ainda interfiram na prática jornalística.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



Nesse sentido, Martino (2010, p. 34) destaca que “podemos falar da ética como estratégia quando lembramos que em cada campo as ações de um agente são, ainda que parcialmente, direcionadas à percepção recíproca dos outros”, mostrando que a ética atua tanto como reflexão sobre valores quanto como instrumento de legitimação social. A distinção entre ética e deontologia é crucial: enquanto a ética fornece a base filosófica sobre o que é certo ou errado, a deontologia traduz esses princípios em normas e códigos de conduta específicos, orientando o exercício profissional no cotidiano do jornalismo.

No jornalismo literário, a distância dos prazos exíguos das redações e da disputa pela audiência permite que o jornalista potencialize os recursos investigativos e narrativos do jornalismo, “ultrapassando os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionando visões amplas da realidade, exercendo plenamente a cidadania, rompendo as correntes burocráticas do lide” (Pena, 2013, p. 06). Conforme Vilas-Boas (2003, p. 10), o gênero combina filosofia e técnica, configurando-se como uma “filosofia do aprofundamento e técnica (narrativa) literária”.

No Brasil, suas primeiras manifestações remontam ao século XX, com Euclides da Cunha (1944) e João do Rio (1976), e ao longo do tempo incorporou recursos narrativos da literatura de ficção para retratar histórias reais (Lima, 2009, p. 352). A imersão no cotidiano dos personagens, característica central do gênero, permite compreender padrões de comportamento, valores, motivações e consequências de atitudes, não em busca de uma verdade absoluta, mas de uma compreensão aprofundada da realidade humana (Lima, 2009, p. 377-392). Nesse contexto, os pilares do jornalismo literário — humanização, exatidão, precisão e responsabilidade ética — demonstram que o tempo prolongado de apuração, a escuta ativa e o cuidado com os detalhes não apenas enriquecem a narrativa, mas também estabelecem uma prática jornalística alinhada a princípios éticos, consolidando o jornalismo literário como uma forma possível e eficaz de exercer a ética no exercício profissional.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise de credibilidade enfrentada pelo jornalismo contemporâneo evidencia a necessidade de resgatar a ética como valor central na prática profissional. Em um contexto marcado pela precarização das redações, polarização ideológica e interesses comerciais, a reflexão ética, compreendida como análise crítica dos princípios que orientam o comportamento humano (Christofoletti, 2008; Martino, 2010; Chauí, 2000), torna-se fundamental para orientar decisões conscientes sobre a produção e a difusão de informações. Nesse sentido, a distinção entre ética e deontologia também se mostra essencial: enquanto a primeira fornece a base filosófica sobre o que é certo ou justo, a segunda traduz esses princípios em normas concretas que regulam a conduta profissional.

O jornalismo literário surge como alternativa capaz de conciliar rigor investigativo, aprofundamento narrativo e sensibilidade ética, permitindo ao jornalista ir além da reprodução dos acontecimentos cotidianos e explorar as dimensões humanas e sociais das histórias. A obra *Holocausto Brasileiro* (Arbex, 2013) exemplifica essa prática, ao transformar testemunhos e dados documentais em uma narrativa que humaniza os personagens, respeita sua dignidade e contribui para o resgate da memória social. Por meio de imersão, escuta ativa, detalhamento minucioso e apuração criteriosa, Arbex demonstra que é possível produzir jornalismo socialmente relevante e ético, que articula memória, verdade factual e responsabilidade profissional.

Dessa forma, o jornalismo literário se apresenta não apenas como recurso narrativo, mas como estratégia ética e reflexiva capaz de fortalecer a democracia, reconstruir a confiança pública na profissão e promover uma prática jornalística comprometida com a sociedade.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BERGER, C. **Em torno do discurso jornalístico**. In: FAUSTO NETO, A.; PINTO, M. J. (Org.). *O indivíduo e as mídias*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

CARRO, Rodrigo. Brazil. In: **REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM**. Digital news report 2025. Oxford, UK: Reuters Institute for the Study of Journalism, 17 jun. 2025. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2025/brazil?ref=nucleo.jor.br>>. Acesso em: 23 jan. 2026.

CHRISTOFOLETTI, R. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. São Paulo: Manole, 2009.

LISBOA, Sílvia; BENETTI, Marcia. **Jornalismo como crença verdadeira justificada**. *Brazilian Journalism Research*, v. 11, n. 2, p. 10-29, 2015.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **A ética como discurso estratégico no campo jornalístico**. *Líbero*, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 31-38, 2010.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Disponível em: <http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2025.

PESSA, B. **To understand literary journalism and its manifestations**. *Brazilian Journalism Research*, v. 20, n. 1, e1637, 2024. DOI: 10.25200/BJR.v20n1.2024.1637.

RIO, João do. **As religiões do Rio**. São Paulo: Nova Aguilar, 1976.

VILAS-BOAS, Sergio. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Unesp, 2008.